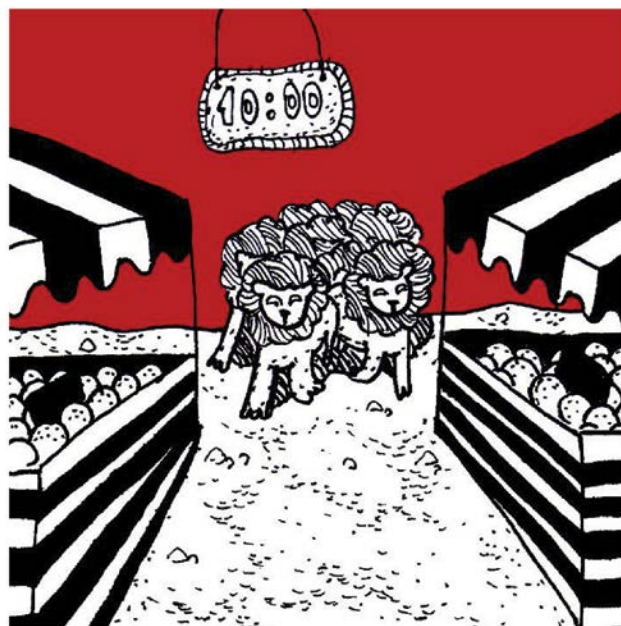
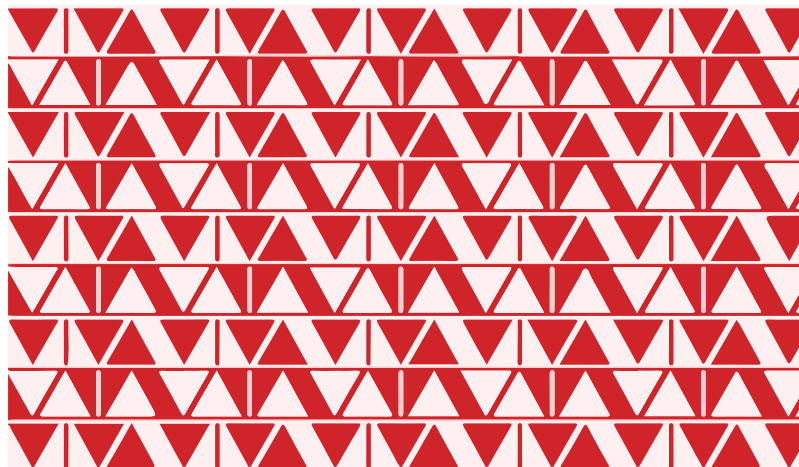


Intermedialidade: invenção e descoberta de novos processos de linguagem

João Queiroz*
Daniella Aguiar**



Pintura, dança, música, literatura ... tais “formas artísticas”, que reconhecemos como independentes, são estudadas por domínios também mais ou menos independentes. Historicamente separados, identificamos esses domínios como “departamentos” e seus objetos como “expressões artísticas”. Não nos confundimos ao atribuir o termo “cinema” a um filme de Tarantino, e “dança” a uma peça de balé clássico. Nem hesitamos ao chamar de “música” um quarteto de Cage, de pintura uma tela de Klee.

Mas muitos exemplos podem criar problemas. Como classificar uma exposição-dança-instalação da coreógrafa Sasha Waltz? Ou um poema-visual de Augusto de Campos (Imagem 1)? Casos típicos de objetos inclassificáveis, no limite entre diversos processos de linguagem, eles encontram-se entre a dança, a cenografia e as artes visuais, no primeiro exemplo, e entre a poesia, as artes visuais e o design gráfico, no segundo. Seus estudos também apresentam dificuldades interessantes, porque são exigidos métodos combinados. Testemunhamos, nos últimos anos, o surgimento de um fértil ambiente, recém-revigorado pelo aparecimento de muitos centros de pesquisa, e nutrido pelo cruzamento de diversos domínios artísticos. Eles são conhecidos como fenômenos de Intermedialidade. Qual sua importância? Temos afirmado, em diversos trabalhos, que tais

fenômenos representam “laboratórios de experimentação” de linguagem envolvendo novos tratamentos de “velhos processos”, em novos meios. A ideia de que tais fenômenos podem representar a invenção ou a descoberta de novos processos deve estar relacionada à “desautomatização de hábitos” de leitura e de padrões interpretativos. Mas tal ideia merece ainda uma exploração mais cuidadosa, e temos trabalhado nisso.

Recentemente iniciamos, no Instituto de Artes e Design (IAD) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em colaboração com o Programa de Pós-graduação de Estudos Literários, por meio de Daniella Aguiar, um núcleo de produção dedicado à intermedialidade e tradução intersemiótica (<http://www.ufjf.br/traducaointersemiotica/>). Este grupo é constituído por alunos de graduação, pós-graduação, professores da UFJF e de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Como informamos no website, o “grupo dedica-se à exploração de teorias sobre tradução intersemiótica e fenômenos de intermedialidade e à produção criativa de traduções, em diversos domínios.” Trata-se de um grupo em fase inicial de produção, mas já se encontram em fase intermediária de tradução, autores como Borges, Chao Yuen Ren (Imagem 2), Edgar Poe, Gertrude Stein e outros.

* Professor da graduação e do Programa de Mestrado do Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF

** Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários da UFJF.